

Semana Paulo Setúbal

1943 – 2020

publicação - agosto/2021

18º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS
(ABRANGÊNCIA NACIONAL)

CENTENÁRIO DO EDIFÍCIO-SEDE DO
MUSEU HISTÓRICO PAULO SETÚBAL (1920-2020)

HOMENAGEM À PROFESSORA
CIMIRA CAMERON



CATEGORIA CONTO

1º lugar - Obra: **UMA TERRA ORIGINAL**

Amílcar Neves – Florianópolis/SC

2º lugar - Obra: **SUSTENTABILIDADE**

Alessandra Oitaven Pearce de Carvalho Monteiro – Salvador/BA

3º lugar - Obra: **DE CONVERSA EM CONVERSA**

José Ricardo Alo Rodrigues – Rio de Janeiro/RJ

Prêmio Galardão - Obra: **O ESPÍRITO PÉ VERMELHO**

Renato José de Almeida Mello – Tatuí/São Paulo

Menção honrosa - Obra: **ABAYOMI**

Leonardo Antonio da Costa Neto – Belo Horizonte/MG

Menção honrosa - Obra: **COR DE LAMA**

Mária Gleyciane da Silva – Natal/RN

Menção honrosa - Obra: **OLHOS DE MEL**

Athos Ronaldo Miralha da Cunha – Santa Maria/RS

Menção honrosa Prêmio Galardão - Obra: **CONTO DE UMA QUARENTENA**

Adriana do Rocio Seratto – Tatuí/SP

CATEGORIA CRÔNICA

1º lugar - Obra: **ADÃO, FEROMÔNIOS E O SISTEMA FINANCEIRO**

Oly Cesar Wolf – Campo Largo/PR

2º lugar - Obra: **SENHA P-130**

Marcos Lopes de Aguiar – Guarulhos/SP

3º lugar - Obra: **AS VERRUGAS DO RECIFE**

Márcio Martins Lobo Jardim – São Paulo/SP

Prêmio Galardão - Obra: **COM MINHA SUNGA PRETA DA CALVIN KLEIN**

Lucio Rodrigues Junior – Tatuí/SP

Menção honrosa - Prêmio Galardão - Obra: **NÃO FUI EU!**

Fernanda Antunes – Tatuí/SP

Menção honrosa - Obra: **DEVANEIOS NA VARANDA DE SETEMBRO**

Ricardo Maggessi Viola – Itajubá/MG

Menção honrosa - Obra: **DANÇAS MACABRAS**

Mária Ignez Novais Ayala – João Pessoa/PB

Menção honrosa - Obra: **O FUNERAL DO DIÁLOGO**

Natália Corrêa Nami - Barra do Pirai/RJ

CATEGORIA POESIA

1º lugar - Obra: **GUERRA**

Antônio Augusto D'Aguiar Mercador – Saquarema/RJ

2º lugar - Obra: **INVENTÁRIOS & INVENÇÕES**

André Telucazu Kondo – Taubaté/SP

3º lugar - Obra: **ENJEITADO**

Fernando Luiz de Barros Bueno – Belo Horizonte/MG

Prêmio Galardão - Obra: **ANELAÇÕES**

Alexandro Gonçalves de Camargo - Tatuí/SP

Menção honrosa - Prêmio Galardão - Obra: **AO SER E AO NADA**

Denis André de Oliveira - Tatuí/SP

Menção honrosa - Obra: **R. SODRE**

Renata Araújo Sodré da Silva - Rio de Janeiro/RJ

Menção honrosa - **RECEITA PARA EMLUMAR O CORAÇÃO DE OUTONO**

Airtton Souza de Oliveira - Marabá/PA

Menção honrosa - **A BAGAGEM**

Mônica de Souza Tuler - São José dos Campos/SP

*Prêmio Galardão: destina-se única e exclusivamente a obra de autor(a) nascido(a) ou residente há mais de dois anos na cidade de Tatuí/SP.

EXPEDIENTE

Prefeita Municipal

Mária José Vieira de Camargo

Secretário de Esporte, Cultura, Turismo, Lazer e Juventude

Cassiano Sinisgalli

Diretor Executivo do Departamento de Cultura e**Gestor do Museu Histórico Paulo Setúbal**

Rogério Donisete Leite de Almeida

Comissão do concurso

Cassiano Sinisgalli

Rogério Vianna

Márcia Aparecida Oliveira

Cristiano Guimarães Camargo

Cristiano Mota

Equipe técnica do concurso

Mária Augusta de Abreu Raggio Barbará

Emilene Vieira Fiúza de Oliveira

Regiane Domingues Francisco

Rose Mary Raymundo Falchi

Equipe do Museu Paulo Setúbal

Emilene Vieira Fiúza de Oliveira

Leila Maria Leite Miranda

Regiane Domingues Francisco

Rose Mary Raymundo Falchi

Tiyoko Tackenchi

Comissão julgadora do 18º Prêmio Literário Paulo Setúbal

Contos, Crônicas e Poesias (abrangência nacional)

Gávea Empreendimentos Culturais

Mônica Taunisses Braga de Oliveira

EDITORIAL

CENTENÁRIO DO EDIFÍCIO-SEDE DO
MUSEU HISTÓRICO PAULO SETÚBAL

2020 – Um ano atípico de tudo que vivemos nos últimos anos, foi um ano em que a humanidade parou, se isolou. E neste isolamento o distanciamento se fez necessário. Nós, que tanto gostamos de abraçar, de demonstrar afeto por meio de ações, fomos obrigados a mudar a nossa cultura social.

O Museu Histórico Paulo Setúbal suspendeu suas atividades e, para suprir a demanda educativa da entidade, criou o Projeto #MuseuPauloSetúbalEmSuaCasa, com a criação do canal do Youtube Museu Paulo Setúbal Tatuí, mantendo acesa e viva a vocação da Instituição Museal.

Em 2020, duas grandes comemorações faziam parte do calendário da agenda cultural da cidade: a comemoração do centenário do edifício-sede do Museu Histórico Paulo Setúbal e a comemoração do centenário de publicação do livro “Alma Cabocla”, de Paulo Setúbal.

A primeira comemoração do centenário do prédio-sede do Museu Histórico Paulo Setúbal (1920-2020) - edifício que foi sede da cadeia, do fórum de Tatuí - teve que ser modificado, e uma “live” com o Trio Bravo Electro registou o momento, para que todos pudessem festejar o centenário do edifício a partir de suas casas e em família.

Ainda, para salvaguardar o centenário do edifício, foi realizada a produção de cem medalhas fundidas em bronze 70 (latão), em cor ouro envelhecido e com estojos em veludo preto.

As medalhas têm a face com a arte elaborada pelo departamento de comunicação da prefeitura, assinada por Leandro Alexandre Mendes, focando no desenho frontal do edifício.

Abaixo, no objeto

comemorativo, há o escrito “100 anos”, com o ano de fundação e do centenário, “1920-2020”, e a atual ocupação, “Museu Histórico Paulo Setúbal”, além da cidade e o estado no qual está situado. Cem autoridades e amigos do Museu Histórico Paulo Setúbal foram agraciados pela medalha comemorativa.

Já a comemoração do centenário de publicação do livro “Alma Cabocla”, de Paulo Setúbal, envolvia a rede de educação da cidade, que, devido à pandemia, teve suas atividades presenciais suspensas e, com isso, adiou a comemoração para o ano de 2021, pois a obra do escritor tatuiano seria o tema do Concurso de Literatura e Artes Visuais.

Surpreendente foi a realização do 18º Prêmio Literário Paulo Setúbal – Contos, Crônicas e Poesias, de abrangência nacional, que registrou 2.349 inscrições.

No ano de isolamento social e da #FiqueEmCasa, a comissão do certame teve que criar inscrições online, as quais, devido à pandemia e ao distanciamento, somente pela internet, somaram 1.981 trabalhos, além de 368 inscritos via correio.

O encerramento das inscrições, ocorrida às 23h59 do dia 19 de junho, somou um total de 2.349 obras nas três modalidades do concurso, sendo que, na de contos, foram contabilizadas 869 inscri-

ções, na de crônicas, 485 e na de poesias, 995.

E as inscrições foram provenientes de 424 cidades de todos os estados do Brasil, sendo o mais novo recorde de inscritos do certame, que, em edições anteriores, registou no máximo 850.

Diante de tantos inscritos, a comissão organizadora do concurso fez adiar a entrega da premiação para o ano de 2021. A comissão julgadora, por sua vez, em relatório, nos informou: “Observamos que os textos concorrentes apresentaram uma técnica e uma criatividade absolutamente impressionantes, o que nos faz crer que qualquer dos textos eliminados causa-nos imenso pesar. Gostaríamos mesmo que 90% dos escritores fossem agraciados com prêmios e menções honrosas, o que, evidentemente, não é possível. Tamanho talento apresentado por tantos fez-nos encarar uma das tarefas mais difíceis, qual seja: excluir trabalhos por distração gramatical, por escorregões ao caracterizar o texto dentro de sua categoria, ou, simplesmente, por não cativar com tanta facilidade o público de forma geral.”

A comissão organizadora espera, na realização deste certame, que os nomes neste tabloide publicado revelem ao Brasil, quicá ao mundo, o quanto nossa gente é criativa, engajada a tudo que toca a cultura.

E que sigamos o exemplo de nosso tatuiano Paulo Setúbal, possibilitando, num momento de presteza em nossa história, voltar nosso olhar àquele que, com dedicação, permitiu-nos sermos grandes homens. Com carinho a todos os Escritores! Viva a Literatura!

Comissão organizadora da Semana Paulo Setúbal



AS MEDALHAS DO CENTENÁRIO DO EDIFÍCIO-SEDE DO MUSEU HISTÓRICO PAULO SETÚBAL

O 18º Prêmio Literário Paulo Setúbal – Contos, Crônicas e Poesias fez alusão ao centenário do edifício-sede do Museu Histórico Paulo Setúbal e, para registrar o momento, o Museu Histórico Paulo Setúbal, equipamento de cultura da Secretaria de Esporte, Cultura, Turismo, Lazer e Juventude, da Prefeitura de Tatuí, realizou a entrega das medalhas fundidas em bronze 70 (latão), em cor ouro envelhecido e com estojo em veludo preto. A medalha é proveniente da comemoração do centenário do edifício-sede do Museu Histórico Paulo Setúbal.

A medalha nº 01 foi entregue para a prefeita municipal, Maria José Vieira de Camargo, que a recebeu em seu gabinete, pelas mãos do secretário de Cultura e Turismo, Cassiano Sinisgalli, e do diretor de Cultura e gestor do Museu Paulo Setúbal, Rogério Vianna.

As medalhas apresentam a face com a arte elaborada pelo departamento de comunicação da prefeitura, assinada por Leandro Alexandre Mendes, focando no desenho frontal do edifício.

Abaixo, no objeto comemorativo, há o escrito “100 anos”, com o ano de fundação e do centenário, “1920-2020”, e a atual ocupação, “Museu Histórico Paulo Setúbal”, além da cidade e o estado no qual está situado.

Realizou-se a entrega das medalhas às seguintes autoridades e amigos do museu, que são: Maria José Vieira de Camargo (prefeita municipal de Tatuí); Luiz Paulo Ribeiro da Silva (vice-prefeito do município de Tatuí); Cassiano Sinisgalli (secretário de Esporte, Cultura, Turismo, Lazer e Juventude); Antônio Marcos de Abreu (presidente da Câmara Municipal de Tatuí); Rogério Donisete Leite de Almeida (diretor do Departamento de Cultura, gestor do Museu Histórico Paulo Setúbal); Alfredo Egydio Setúbal, José Luiz Egydio Setúbal, Maria Alice Setúbal, Olavo Egydio Setúbal Junior, Paulo Setúbal Neto, Ricardo Egydio Setúbal, Roberto Egydio Setúbal (Irmãos Setúbal); Luiz Gonzaga Vieira de Camargo (35º prefeito de Tatuí); Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico de Tatuí (Condephat); Conselho Municipal de Turismo (Comtur); Conselho Municipal

de Políticas Culturais de Tatuí; Eduardo Dade Sallum (vice-presidente da Câmara Municipal de Tatuí); Alexandre de Jesus Bossolan, Alexandre Grandino Teles, Daniel Almeida Rezende, Jairo Martins, João Éder Alves Miguel, Joaquim Amado Quevedo, José Carlos Ventura, Márcio Fernandes de Oliveira, Miguel Lopes Cardoso Júnior, Nilto José Alves, Rodney Rocha, Ronaldo José da Mota, Severino Guilherme da Silva, Valdeci Antônio de Proença e Wladimir Faustino Saporito (vereadores); Miguel Ângelo de Campos (Secretaria Municipal de Segurança Pública); Alessandro Bosso (Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social); Tirza Luiza de Melo Meira Martins (Secretaria de Saúde); Juliana Rossetto Leomil Mantovani (Secretaria de Planejamento e Gestão Pública); Marco Luis Rezende (Secretaria de Obras e Infraestrutura); José Roberto Xavier da Silva (Secretaria de Mobilidade Urbana e Transportes); Renato Pereira de Camargo (Secretaria de Governo e Negócios Jurídicos); Walter dos Santos Junior (Secretaria de Fazenda e Finanças); Marisa Aparecida Mendes Fiusa Kodaira (Secretaria de Educação); Luís Carlos de Barros (Rotary Club de Tatuí); Acassil José de Oliveira Camargo Júnior (diretor do

Colégio Objetivo - Unidade Tatuí); Alesandra Vieira de Camargo Teles (gerente Central de Rádio); André Kaires (Grupo Ímpares); Antonino José Rodrigues da Costa (comandante da Guarda Civil Municipal); Antônio Davi Julian (Faculdade Santa Bárbara); Antônio Nunes Pereira (Rotary Club de Tatuí “Cidade Ternura”); Ary Araújo Junior (Conservatório de Tatuí); Beatriz Soares Amaro (Etec “Salles Gomes”); Bernadete Elmec (revista Hadar); Carlos Alberto dos Santos (superintendente do Conselho Administrativo da Unimed Tatuí); Carlos Orlando Mendes Filho (Antigomobilismo Clube de Tatuí - Lazer e Cultura); Célio José Valdrighi (Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente); Christian Pereira de Camargo (presidente do Lions Club de Tatuí e chefe de gabinete da Prefeitura de Tatuí); Claudio Camargo (artista plástico); Clélia Erwenne de Araújo Pinto (Centro Hípico de Tatuí); Débora Lucia da Costa Aguiar (Projetos Culturais da CCR - SPVias); Domingos Jacob Filho (artista plástico); Doniran Mariano de Barros (responsável pela pesquisa “O Edifício da Praça do Museu – 100 Anos);

Eder Balliari (presidente Unimed Tatuí); Edson Aparecido Pinto (coordenador cultural do CEUdas Artes); Éli-

cio Roberto de Góes (Paróquia e Santuário Nossa Senhora da Conceição); Eric Proost (presidente da Associação Comercial de Tatuí); Hélio de Barros (assessor de gabinete); Ivan Camargo (jornal O Progresso de Tatuí); Jaime Pinheiro (artista plástico); José Eduardo Cantieri Costa (presidente do Rotary Club Tatuí); José Reinner (jornal Integração); José Salim Kallab Fraiha (diretor-presidente da CCR SPVias); Leandro Alexandre Mendes (criador da arte do centenário); Luciana Vieira C. Barros Picchi (Projeto Envelhecer com Qualidade de Vida, do Fusstat); Luciano Rocha Lima (presidente da Aprodoce - Associação dos Produtores de Doce de Tatuí); Luis Antônio Galhego Fernandes (presidente do Conselho de Cultura); Luis Antônio Voss Campos (personalidade da comunicação); Luiz Antônio Fernandes Guedes (Museu Histórico Paulo Setúbal); Marcelo Nalesso Salmaso (Juizado Especial Criminal e Vara da Infância e Juventude); Maria Augusta de Abreu Raggio Barbará (Museu Histórico Paulo Setúbal); Maria Inês de Camargo (Grupo Seresteiros Com Ternura, de Tatuí); Mauro Tomazela (Fatec - unidade Tatuí); pastor José Carlos de Lima (Casa Publicadora Brasileira, de Tatuí); Pedro Silva (Grupo Folclórico “Cordão dos Bichos”); Rodrigo Santos Correa (gerente - Coop - Cooperativa de Consumo); Sônia Maria Ribeiro da Silva (Fundo Social de Solidariedade de Tatuí); Thyrso Menezes da Silva Júnior (vice-presidente do Conselho Administrativo da Unimed Tatuí); Wagner Eduardo Graziano (presidente do Comtur); Adriana Afonso de Oliveira (atriz); Jorge Rizek (personalidade cultural); Gustavo Grando (assessor de gabinete); César Augusto Araújo (vice-presidente do Comtur); Marcos Roberto Rodrigues dos Santos (subcomandante da Guarda Civil Municipal); Francisco Júnior (jornalista); Câmara Municipal de Tatuí; Maria Aparecida Vieira Medeiros (ex-diretora do Museu Paulo Setúbal); Benedita Maria Rocha (ex-funcionária da reserva técnica do museu); Maria Cristina Siqueira (personalidade da literatura); e a medalha de nº 100 fica sendo parte do acervo do Museu Histórico Paulo Setúbal



CATEGORIA CONTO

1º lugar - Obra: UMA TERRA ORIGINAL
Amílcar Neves – Florianópolis/SC

O Brasil alimenta 5 vezes a nossa população pelo mundo mesmo não utilizando nem 10% do território nacional p/agricultura. 61% do nosso território mantém a mesma vegetação dos tempos de Adão e Eva, enquanto que a Europa só mantém 1%.

*Fonte: "Psicose ambientalista", Dom Bertrand.

Eduardo Bolsonaro, deputado federal à época, notório pelo alcance pífio e rasteiro do seu saber, em tuíte no dia 20 de maio de 2019 às 13h00.

E havendo lançado para fora o homem, pôs querubins a oriente do jardim do Éden, e uma espada flamejante, que se revolve para todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida.

ChurchofJesusChrist.org, Bíblia Sagrada, Gn 3, 24.

Pintou treta:

– Muito cara, essa terra. Um pouco mais ao Sul encontro áreas maiores do que essa por preços bem melhores.

– É que aquelas terras lá não se encontram nos 61%. O amigo aqui certamente conhece a importância dos 61%.

– Não sei do que o senhor está falando. Mas nem me interessa mesmo saber. Olhe, estou com horário apertado. Outro dia eu volto, com mais tempo. Então a gente conversa melhor.

– O doutor é que manda. Não quero forçar nada, apertar o senhor pra fechar negócio às pressas. Não me convém isso, não é assim que eu negocio. Fique à vontade para pensar com calma, por quanto tempo necessitar. Mas preciso confessar que tem uma pá de gente de olho nesse pedaço aqui. Se o amigo não me der alguma garantia, de palavra mesmo, que tem algum interesse na terra, de que pode querer esta nesga de chão, eu acabo fechando com outro comprador, o pessoal é muito insistente, não deixa a gente em paz nem em dia santo. E já nem falo de preço, mas de venda, de girar o dinheiro, nada mais do que isto. O doutor sabe, eu vivo de comissão.

– Quer dizer que não são suas essas matas todas que o senhor me oferece.

– As terras são minhas, já lhe mostro de novo os documentos. Acontece que

o meu ganho é na diferença de preço da venda sobre o custo da compra. É isso que eu chamo de comissão, a minha comissão. E é dela que eu vivo. Como qualquer pessoa decente, preciso ganhar dinheiro de alguma forma honesta. Jogo limpo, nunca tive problema. Eu vivo de terras, o amigo aí se garante dos seus talentos. O meu talento é fazer dinheiro, sou um homem de negócios. Podia me manter com a compra e venda de carros ou produtos eletrônicos, mas não é assim comigo. Comigo o que funciona é terra.

– Entendo. Só não entendo é o seu preço.

– É o seguinte, doutor: ocupando menos de 10% do território nacional, a agricultura brasileira alimenta um bilhão de pessoas em todo o mundo. Cinco vezes a população do País, imagine só. Isso é verdade verdadeira, está no livro do Príncipe. Príncipe não mente, o doutor sabe melhor do que eu, Príncipe não precisa mentir. Príncipes são educados para honrar a Deus e servir à Pátria, por isso eles não mentem nem roubam. Não há um só Príncipe na História que seja corrupto. E o Príncipe escreveu, provou isso no livro dele, o livro que ele escreveu.

– Príncipe? Agora o senhor pensa em me vender a terra embrulhada em um conto de fadas? Que príncipe, homem de deus?

– O Dom Bertrand Maria José Pio Januário Miguel Gabriel Raphael Gonzaga de Orléans e Bragança e Wittelsbach, Príncipe Imperial do Brasil, o segundo na linha de sucessão, bisneto da Isabel, trineto do Pedrão II e defensor ferrenho da restauração da monarquia no Brasil para que o País volte a ser um Império de verdade. Eu tenho o livro dele autografado por ele quando ele esteve aqui na Associação Rural durante a Feira Agropecuária da Floresta, o maior evento do gênero no mundo. Chama-se, o livro, Psicose Ambientalista – Os bastidores do ecoterrorismo para implantar uma "religião" ecológica, igualitária e anticristã. No livro, Dom Bertrand arrasa. Ele prova que os comunistas, escorraçados de todos os lados, expulsos de todas as partes do planeta, mudaram a cor vermelha pela verde e agora se escondem por detrás das causas do meio ambiente para atingir os mesmos objetivos de sempre: debochar da religião, desdenhar a Pátria, destruir a família e derrubar o capitalismo (os quatro "D") para tomar

o poder. Mas não é isso de realeza e suas teorias o que nos interessa agora, não é mesmo? Eu me entusiasmei com esse assunto porque conheci o Príncipe de perto, falei com ele, e quis lhe contar esse acontecimento real. Monárquico. Imperial. O fato é que, computando os 10% da superfície brasileira zelosamente cultivados pela agricultura, até menos do que isso, na verdade, e tirando ainda o espaço ocupado pela pecuária, pelas estradas, pelas cidades, pelas hidrelétricas e pela mineração, sobram os tais de 61%, que é a parte do território nacional que mantém literalmente a vegetação dos tempos de Adão e Eva. E veja o amigo: na Europa essa área original é só de 1%, por isso a inveja gananciosa que eles têm da gente.

– E qual é a misteriosa relação disso tudo com um hipotético negócio nosso?

– Muito simples, doutor. Aquelas terras ao Sul, que o senhor andou vendo, já foram mexidas. As minhas, estas aqui, não. Parece tudo igual, praticamente a mesma coisa, não é mesmo? Mas não é assim, existe uma diferença fundamental entre os dois sítios. A diferença é que esse mato aí existe nesse mesmo lugar desde a Criação, não se modificou, não evoluiu nada, está aí desde Adão e Eva! É bem possível que o casal inicial tenha passeado por aqui, bem onde estamos, em adoração ao seu Deus e Nosso Senhor, antes da expulsão, antes da tragédia que foi o pecado original. Afinal, eles tiveram uma eternidade inteira para curtir toda a Terra antes de serem transformados em meros mortais e terem que trabalhar e suar para ganhar o pão nosso de cada dia.

– E o senhor pretende que eu acredite nessa história da carochinha a respeito de um passeio idílico de dois seres mitológicos num território virgem e pague uma fortuna para ter o privilégio de ser o proprietário desse cenário bíblico.

– Bom, se é da carochinha eu não sei, se é mitologia eu ignoro, se é virgem eu desconheço: o doutor, que é culto e entendido, é que pode dizer sim ou não, e muito melhor do que eu, um pobre caipira ignorante que só sabe as coisas de ouvir falar, de ouvir dizer. Não tenho estudo de valor, mas lhe asseguro, e sei, que tem um deputado federal aí, um cara de São Paulo, um sujeito muito bem relacionado na Presidência da República, que garantiu isso daí ainda outro dia. Está na internet, tá lá, tá registrado, é

só pesquisar: florestas de Adão e Eva! E é bem aqui, bem onde o doutor está pisando o pé, bem sob a relva que suas botas amassam. Quanto ao que o amigo chama de fortuna, é escolher entre um autêntico uísque escocês envelhecido em barris de carvalho durante 24 anos e uma bebida falsificada produzida com água suja num fundo de garagem qualquer.

– Só falta agora o senhor me dizer que pela banda oriental dessa terra estão a postos os querubins e uma espada flamejante que, incansável, se revolve em chamadas para todos os lados, guardando a entrada desta parte do paraíso.

– E não estão, doutor? O amigo reparou bem quando chegou, percebeu quem eram as pessoas que estavam junto à porteira? Afinal, repito, aqui está tudo exatamente como nos tempos de Adão e Eva. Palavras de Príncipe e de deputado. E tudo se refere não só ao solo, ao ar, aos bichos e às matas, mas também aos seres humanos e sobre-humanos.

– Não, fique sossegado, os querubins não estão lá pelo lado Leste, eu lhe asseguro. Mesmo porque, se eles lá estivessem, eu seria a serpente caminhando sem parar de um lado para outro pelo jardim do Éden com uma maçã nas mãos à procura da primeira mulher que aceitasse morder o fruto proibido e assim ferrar com todo mundo: os culpados, os inocentes e os indiferentes. Depois, assim que eu tivesse sido transformado pela ira de deus em um ser rastejante e venenoso, eu correria para cá a fim de fazer do senhor a minha primeira vítima fatal.

– Credo! Quanta violência, doutor.

– É possível que eu volte outro dia, sim. Suas histórias são saborosas e bastante divertidas. Imagino que quem não vai gostar nem um pouco de se ver metido nesse caso fantasioso é Dudu Bananinha, o deputado.

– Não faz mal, doutor. O importante é que eu tenho umas terras fabulosas para lhe mostrar, com vista para o mar e tudo, sem essas confusões bíblicas, imperiais e florestais, e bem mais baratas do que estas daqui. Elas ficam um pouco mais ao Sul. Mas, olhe, tem uma pá de gente assim interessada nelas, é pegar ou largar.

(N.S.D., Maio/19 – Junho/20)

CATEGORIA CONTO

2º lugar - Obra: **SUSTENTABILIDADE**
Alessandra Oitaven Pearce
de Carvalho Monteiro - Salvador/BA

Os líderes acomodaram-se nos seus respectivos lugares para dar início à reunião quinzenal de avaliação e planejamento estratégico das atividades. Conversinhas fáticas em tom baixo podiam ser ouvidas em todo o recinto – “Bom dia”, “Bom dia”, “Como você tem passado?”, “Bem...bem...um pouco preocupado com as restrições de trânsito internacional, mas estou bem...”.

O líder supremo pediu silêncio:

– Bom dia, senhores, senhoras. Nossa pauta de hoje irá começar com uma apresentação dos dados da expansão enviados por nossos líderes regionais; depois analisaremos alguns pedidos de abertura de novas frentes expansionistas e, por fim, daremos a palavra para nossa colega Bela. – O líder supremo não conseguiu disfarçar um sorrisinho de deboche antes de continuar:

– Parece que a Bela tem algo muito urgente para nos informar.

– Alertar. Tenho algo muito urgente para vos alertar – Bela corrigiu.

Houve uma revirada geral de olhares e alguns suspiros altos. Alguém disse, em tom desolado: “Não acredito... de novo...”. O líder supremo retomou a palavra:

– É... pois é. Alertar. Bem, vamos iniciar nosso briefing. Tom, você pode nos atualizar sobre a situação da Europa?

Tom fez um pigarro e começou a ler o relatório:

– Nossa expansão na Europa está sendo muito bem-sucedida. Já temos milhares de agentes espalhados pelas principais capitais: Paris, Roma, Londres, Berlim, Madrid... A maior distância entre uma unidade operacional e outra é de apenas 45 quilômetros!

Foi possível ouvir murmúrios de excitação vindos de todos os lados – “45 quilômetros?”; “Que fantástico!”. O líder supremo pediu que Tom explicasse as estratégias que os líderes regionais utilizaram para acelerar a expansão do empreendimento:

– Bem, focamos em gente jovem, não é? Eles passam o dia inteiro perambulando pelas ruas. Saem do trabalho para o happy hour; do

happy hour, para a aula de fotografia, dança, meditação coletiva, ou qualquer coisa do tipo. Nos fins de semana, viajam para ver as famílias em pequenas vilas. Eles realmente não param em casa, então nossos agentes encontram muitas oportunidades de fundação de novas unidades operacionais.

– Mas vocês tiveram uma ajudinha do destino, não foi? – perguntou, maliciosamente, uma voz que estava sentada no outro extremo da mesa. A voz era de Sandra, a Cínica. Tom pareceu constrangido e começou a gaguejar, como sempre fazia quando se sentia pressionado:

– Bom... bem... é... é... de fato, nós tivemos a sorte de contar com alguns eventos que facilitaram o trabalho dos nossos agentes. Teve o carnaval, não foi, na Itália? Muitos turistas. E também teve um jogo de futebol que rendeu comemorações entusiasmadas dos torcedores italianos. Realmente, o timing foi muito bom. Mas isso não foi pura sorte! Os líderes regionais perceberam a oportunidade e investiram no lugar certo, no momento certo – Tom concluiu a última frase com a confiança recuperada.

Sandra, a Cínica, permaneceu com os braços cruzados, ironizando seu interlocutor com o olhar. Bela se remexeu na cadeira, inquieta, e aproveitou para tentar pegar a palavra:

– Pessoal, é exatamente sobre a situação da Itália que eu queria falar, acho que... – O líder supremo cortou sua fala e pediu que ela deixasse para fazer seus “alertas” no final da reunião. Em seguida, passou a palavra para Sandra, responsável pelo projeto de expansão nos Estados Unidos e no Canadá:

– Bom dia a todos. A expansão nos Estados Unidos está correndo conforme o planejado. Temos duas mil unidades operacionais implantadas e a expectativa de dobrar esse número em quatro dias. A situação no Canadá, contudo, é mais problemática, pois o fechamento dos aeroportos diminuiu a velocidade de deslocamento dos nossos agentes em campo e...

– E por que os aeroportos foram fechados, hein? Alguém se preocupou em investigar isso? – Bela interrompeu Sandra, praticamente gritando. Normalmente, todos os outros

líderes da cúpula ficavam constrangidos com os gritos de Bela e um silêncio instaurava-se sempre que ela começava a dar seus “alertas”. Contudo, Sandra era muito cínica para se deixar abalar com os arroubos dos jovens:

– Quem sabe por qual razão os humanos decidiram fechar os aeroportos? Pode ter sido uma nova guerra. Há dados da inteligência que indicam que o tal do “Trump” e o tal do “Trudeau” trocaram ofensas por meio do tal do “Twitter”. Acreditamos que esse “Twitter” seja um agente russo infiltrado. Ou pode ter sido um furacão. Humanos são muito sensíveis a furacões, como todos sabem. São tantas as variáveis!

Todos os outros líderes murmuraram em concordância, com exceção de Bela:

– Agente russo? Em que ano você está? É furacão no Canadá? Por que aeroportos seriam fechados na Austrália e na Argentina se um furacão tivesse ocorrido no Canadá? E isso para não falar da China, que...

Dessa vez, Bela foi interrompida por várias vozes, que se levantaram ao mesmo tempo. – “Absurdo!”, “De novo não!”, “Supera a China!”. O líder supremo teve algum trabalho para conseguir acalmar os ânimos. Quando, finalmente, só se ouviam murmúrios baixos de chateação, o líder falou:

– Bela, você sabe que o problema da China já foi debatido exaustivamente. Aconteceu um golpe militar em Hubei. Ponto. O governo teve que fechar tudo até descobrir quem financiava os rebeldes. Ponto. Simples assim. Esqueça a China e vamos seguir em frente. Temos que nos concentrar na expansão! É só isso o que importa!

– Mas esse é o problema! Não vamos conseguir expandir por muito mais tempo! – Bela continuava falando em tom alto e agudo.

– Por que não iremos mais conseguir expandir, Beleleca? – Sandra perguntou, misturando condescendência, ironia e bullying na mesma frase. – A velocidade média de expansão nunca esteve tão alta como nos últimos quinze dias. Você está obviamente criando narrativas com base em ficções de militantes humanistas. Deixe a ficção de fora da conversa, sim? E deixe-nos tra-

balhar com fatos, pode ser?

– Você quer falar de fatos? Vamos aos fatos: 1) Expansão veloz em Hubei. Logo depois, a província é fechada. A China é fechada. A Ásia é fechada. Por causa disso, tivemos que aguardar semanas para termos agentes suficientes em solo europeu e, assim, conseguirmos montar uma estratégia de expansão decente no Ocidente. 2) Expansão veloz na Itália. Logo depois, a Itália também é fechada. 3) Expansão veloz na Espanha. Logo depois, o que aconteceu? Os líderes de todos os continentes começam a relatar fechamentos de aeroportos, uma diminuição do fluxo de contato entre humanos e um uso extensivo daquele produto horrível que mata nossos melhores agentes de forma lenta e dolorosa. Esses são os fatos!

A menção ao álcool em gel criou um clima pesaroso na sala. Coube a Tom quebrar o silêncio:

– Bela, eu entendo sua preocupação, de verdade. Inclusive, ao contrário da maioria aqui, gosto das suas ideias. Eu até li aquele artigo em que você analisa a extinção de nossos antepassados, qual era mesmo o título? “As cinco grandes ondas de vacinação?”. Gostei desse nome “vacinação”. Tem impacto. Contudo, o que você sugere, Bela? Que a gente volte a viver dentro de pangolins? Ou você sugere que passemos a viver em ratos?

Pela primeira vez, Bela abaixou o tom de voz e relaxou os ombros:

– Claro que eu não estou sugerindo viver em ratos. Ninguém deve ser obrigado a viver em condições tão degradantes. Contudo, se nossos agentes em campo continuarem forçando as unidades operacionais além do limite, os humanos podem querer nos extinguir.

– Bela, os humanos sequer sabem que nós existimos. Você sabe que eles possuem capacidades sensoriais e de raciocínio limitadas: não acreditam na existência de coisas que não conseguem ver, mas também não conseguem ver praticamente nada que existe no mundo.

– Mas a questão não é saber se eles podem ver e pensar. A questão é saber se eles podem sofrer. E, sim, eles sofrem muito quando seus corpos físicos são destruídos. – A voz de Bela estava embargada de emoção.

Sandra, contudo, bufou do outro lado da sala:

– Se eles sofressem tanto assim não danificariam seus “corpos físicos”, como você chama, com aquela quantidade absurda de substâncias tóxicas que ingerem diariamente. Você não tem noção do trabalho que meus agentes nos Estados Unidos têm tido para limpar a sujeira que encontram dentro das unidades operacionais! Eles precisam se replicar duas vezes mais rápido para dar conta do trabalho. Estão todos exaustos!

– Realmente, os humanos não são lá muito inteligentes... Contudo, parece que eles perceberam, sim, nossa existência e que sofrem com nossa presença em seus corpos frágeis. Os dados apontam que, historicamente, a quantidade de unidades operacionais destruídas durante a expansão de nossos antepassados foi diretamente proporcional à violência das ondas de vacinação que vieram a seguir. Por isso, eu repito: temos que ficar de fora do radar das “vacinas”! Precisamos desacelerar a expansão e treinar nossos agentes para que eles não inutilizem as unidades operacionais! Make virus expansion, don’t make human destruction!

Alguns líderes afundaram em suas cadeiras, outros se levantaram exasperados. Bela estava, claramente, infectada pelo discurso dos militantes humanistas, jovens mimados que não se arriscavam no ambiente hostil externo aos corpos orgânicos e que nunca iriam sentir a dor do álcool em gel corroendo suas camadas protetoras. Agora, eles propagavam essa narrativa apocalíptica da “sexta onda de vacinação”. Ninguém os levava a sério, claro. Bela, por exemplo, só permanecia no Conselho Diretor porque o Supremo Líder era muito democrático e fazia questão de incluir vozes dissidentes. Nos bastidores, contudo, proliferavam boatos de que Sandra, a Cínica, planejava um golpe de estado para iniciar um novo conselho sem a presença de Bela e de qualquer outro militante antropochato. O slogan seria apelativo: “Make our meetings short again”. Ela tinha apoio. Era só uma questão de tempo.

CATEGORIA CONTO

3º lugar - Obra: **DE CONVERSA EM CONVERSA**
José Ricardo Alo Rodrigues - Rio de Janeiro/RJ

Era uma fila imensa que se estendia por quarteirões, subia e descia ladeiras alongando-se por um labirinto de ruas sem fim. E as pessoas, resignadamente enfileiradas, usavam máscaras e guardavam a distância entre si, tal como o isolamento social, em tempos de pandemia, recomendava.

Toda aquela fila começava a partir de um beco que havia numa dessas comunidades pobres da periferia, onde tudo era escasso. Faltava pão, água, saúde e, às vezes, a escassez era de pai e mãe. A orfandade era fato indiscriminado, contemplando igualmente as vidas que se guardavam nas casas de toda a sorte de tamanhos, embora, invariavelmente, repletas de calores, do corpo e da alma, pois ainda que ali fosse o território de tanto abandono, era também o lugar onde a esperança nascia todos os dias e encharcava o ânimo de cada um, quase que por teimosia.

Não se sabe bem ao certo como, mas descobriu-se que naquele povoamento de gentes quase iguais, mesmo que muito diferentes, havia um oráculo. O espalhamento da notícia, provavelmente pelas redes sociais, fez chegar de todo o canto os que colecionavam sentimentos de ansiedade e angústia, nascidos das horas impensadas de clausuras. E despertou a atenção dos exotéricos, dos curiosos, dos que amavam filas e até dos que se agrupavam pelo costume da vida em rebanho. O chão da fila estendeu-se unindo a cidade inteira, consumindo tempo, espaço e o disse me disse das pessoas.

A cidade, manifestada naquela fila, carregava o seu inventário de dúvidas. O embaraçoso pensamento, comum a todos, orbitava na possibilidade de se querer entender o futuro próximo. Um a um tentava encontrar a pergunta necessária cuja resposta pudesse desvendar o que viria após o inusitado daqueles tempos sombrios.

A primeira pergunta surgiu:

- E se, tão logo possa, saíssemos às lojas para comprar, e comprar, e comprar tudo o que os nossos desejos pedem, mas que, no entanto, foram contidos pela quarentena... a vida voltaria ao normal?

E o oráculo, na sua resoluta impassibilidade, respondeu:

- Acredita-se que não.

A fila andou e mais uma pergunta se fez:

- E se, tão logo possa, comprássemos possantes automóveis, novos e intactos, e rodássemos, e passássemos, e viajássemos pelas ruas, avenidas e estradas afora... a vida voltaria ao normal?

E o oráculo, num olhar que traduzia funda verdade:

- Provavelmente não.

A seguir, outro perguntador quis saber:

- E se, tão logo possa, fôssemos para as paradas de ônibus, metrô, trens e tentássemos chegar aos trabalhos que antes da pandemia nos faziam trabalhadores... a vida voltaria ao normal?

E o oráculo, na sua quase inesgotável paciência, mais uma vez respondeu:

- Tudo leva a crer que não.

A inquietação ao saber das respostas desanimadoras, fez surgir perguntas

extravagantemente rasas de sentidos:

- E se fôssemos, todos nós, às casas lotéricas e buscássemos a fé nos palpites dos números, certos de que o polpudo prêmio da loteria chegaria para alguns... a vida voltaria ao normal?

E o oráculo, na prontidão da resposta necessária:

- Não! Com certeza, não!

A tensão desajustou os batimentos do coração de um senhor de meia idade, trazendo rubores apimentados à dúvida que lhe desnorteava:

- Mas por que, então, a vida não vai mais voltar ao normal?

E o oráculo, satisfeito pelo progresso daquela pergunta, revelou a resposta como um segredo desvendado e indispensável ao começo de uma primeira parte do veredito que a nova vida proclamava:

- Porque o normal derreteu.

A partir daquela resposta um “zum zum zum” percorreu a fila tal qual rastilho de pólvora, criando um vazio gigantesco no ar. A maior parte das pessoas que estava na fila quis voltar para casa, contudo, pela aparente dureza da resposta, alguns gritaram ofensas ao oráculo, mas ele fechou a porta e deu-se por satisfeito. Cumprira a sua parte.

A resposta do oráculo, de outro modo, ressoou de forma distinta nas cabeças dos que decidiram pensar mais que falar, justamente por conta do suspense causado diante das circunstâncias que a solidão das horas impunha. Entretanto, aquela atitude desaguou imediatamente num mar de dúvidas, transformando boa parte

daqueles pensantes em naufragos de si mesmo. As longas expectativas do que seria o dia seguinte adoeceram os que, como sentinelas, se puseram à espreita de um milagre, uma espera que unicamente confirmava a exata extensão do tamanho do nada que vinha do fundo d'alma.

Ao longo das semanas seguintes a pandemia arrefeceu seu impacto sobre as vidas e, do mesmo jeito que veio, se foi.

Observando lá do alto, bem lá do alto do céu, a cidade acordando naqueles exatos dias, parecia que se avistava um desarvorado formigueiro de pessoas perdidas, cochichando aqui e ali. O vácuo das vidas cavou buracos de proporções abissais dentro das pessoas. O que se faria dos dias? Qual o percurso a seguir se as bússolas não assinalam mais os seus nortes? Sim, a bússola de cada um havia estancado. Desapareceu por completo o movimento do ponteiro que oscilava entre a razão pontual e a emoção mais comezinha.

Tudo se resumia ao eco do nada.

Demorou algum tempo, o qual não se pode afirmar se foram dias, poucas semanas ou vários meses, para que alguém tivesse a feliz ideia de, em praça pública, propor que se fizesse uma grande roda de conversas, para que as pessoas pudessem se ver, olhando um no olho do outro. Parecia óbvio demais, mas na falta de outra sugestão, assim o fizeram. Primeiramente, uma profusão de assuntos se deu de um jeito atabalhado por demais. A sofreguidão, no entanto, foi sendo vencida pelas palavras de apaziguamento e, em seguida, a conversa abraçou a todos, acolhedoramente. Este era o sinal de que estava dando certo. Pois deu.

O resultado da primeira roda de conversas trouxe uma toada de boas notícias, insuflando o vento que andava cansado e insolente da sua tarefa de soprar. A novidade chegou às praças, campos, areias de praias, clarões de florestas e a todos os largos espaços que foram emprestados para as rodas se assentaram. Nos dias de chuvas, ventanias ou frios intensos, outros tetos, como salões, galpões, grutas ou ocas, passavam a abrigar as rodas. E as rodas de pessoas reunidas o dia inteiro, por todos os lugares, conversando, tornou-se a coisa mais corriqueira que já se vira.

As casas, por sua vez, faziam as suas rodas, no entanto algumas famílias sentiam amargo arrependimento por nunca

antes terem tido a coragem de tomar essa decisão. Na época da pandemia, quando podiam ocupar o tempo com as rodas, muitos se deixaram levar pelo entretenimento dos jogos eletrônicos, filmes, novelas televisivas, comilanças, poucas leituras e muitos sonos e insônias.

Não foi nada fácil começar as muitas conversas que precisavam ser conversadas. Alguns participantes das rodas, que se pronunciavam por exageros e em voz alta, sequer conseguiam escutar os que falavam pouco e sempre num tom muito baixo. Descobriram, quase tardiamente, que era indispensável o silêncio para poder ouvir o outro.

Os tipos mais diferentes candidavam-se a participar das rodas. Os donos de muitos chicotes, por exemplo, ao buscarem um lugar nas rodas de conversas, eram convidados a jogar aquelas armas nas fogueiras que eram feitas em noites de brandas friagens sob as estrelas. E quando os chicotes deixavam de ameaçar as peles cansadas e alheias, para estalarem apenas no fogo, os que se mantinham cabisbaixos e amedrontados por existências inteiras, finalmente conseguiram levantar as cabeças, sustentando seus olhares para frente, abandonando de vez o costume de apenas enxergarem o raso do chão.

Um sortimento de sutis sensibilidades, que nasceu da irresistível ideia de todos darem as mãos, finalmente trouxe um contágio de esperanças que se espalhou com mais intensidade do que a pandemia pôde fazer no seu afã de derreter toda a normalidade da vida de antes.

As dificuldades foram sendo pouco a pouco superadas através das conversas que se alastraram tanto e de tal forma, que ninguém nunca mais desconversou quando surgiam problemas a serem resolvidos. E os problemas brotavam, irremediavelmente, dos vazios que precisavam ser preenchidos por simples e singelas narrativas, mãos cativas de doces, novos e sinceros sentimentos.

Aquele mundão de gentes juntas conseguiu trazer um novo normal para a vida.

E o normal passou a ser conversar.

Conversar sempre.

CATEGORIA CONTO

Prêmio Galardão -
Obra: O ESPÍRITO PÉ VERMELHO
Renato José de Almeida Mello
- Tatuí/São Paulo

Pincelando a manteiga no pão, enquanto a fumaça erguia-se da xícara do café com leite, o menino notou que o pai o observava de soslaio. Talvez estranhasse a ausência de empolgação, afinal, visitaria o museu da cidade com a professora e os colegas da escola.

– Hoje não é o dia do passeio? – indagou o pai.

Limitou-se a balançar positivamente a cabeça.

– Museus são interessantes. Permitem contato com a cultura, a história, a arte...

– Só velharia – protestou o menino.

Intrigado, o pai iniciou uma prosa, aparentemente, despreziosa, com a mãe:

– Corre pela cidade que o Espírito Pé Vermelho voltou. Há relatos de que perambula pelas ruas à noite.

– O quê? – espantou-se o menino. Era o primeiro vislumbre de entusiasmo.

– Dizem tratar-se de um homem, com os pés vermelhos, que habita no museu. Preste atenção na visita, meu filho, pois pode acabar deparando-se com o Espírito Pé Vermelho!

Enfim, a fagulha da empolgação tornou os olhos do menino mais ávidos. Partiu para a escola um pouco mais interessado. Dentro do ônibus que os conduziria ao local, a professora tocava violão, embalando Felicidade de Caboclo, de Pechincha e Gino Alves.

Ao desembarcarem na praça do museu, a professora os reuniu em frente a um monumento composto por sete músicos.

– Estes são Os Seresteiros, alunos – explicou. – Personalidades que se dedicavam a serestas em nossa cidade.

A chuva de perguntas sobre o significado de seresta e seresteiros foi inevitável.

– Lembra-se da música que cantamos ainda há pouco? –

continuou a professora.

– Esses homens cantavam músicas populares em Tatuí, conhecidas como serestas.

O menino achou graça. Começava a entender o motivo de sua cidade ser conhecida como a Capital da Música. Sabia da existência do conservatório, e de que lá músicos estudavam. Invariavelmente, via alguns saxofone, viola, flauta e tantos outros instrumentos que desconhecia, ecoarem suas melodias pelo horto do local. Nunca imaginara, entretanto, que o título de sua cidade se devia, originalmente, a um grupo de músicos que se reuniam para entoar serestas.

Concluindo que histórias poderiam trazer explicações interessantes, olhou para o museu, diante de si. O passeio poderia ter maiores atrativos, embora a curiosidade não se desviasse do mistério em torno do Espírito Pé Vermelho.

A turma foi recepcionada no museu pela guia, que logo na entrada explicou que o edifício data de 1920 e fora construído para sediar a cadeia e o fórum da cidade.

– Veremos celas? – indagou um aluno, ao que a guia acenou assertivamente.

– E o Espírito Pé Vermelho? – questionou o menino.

Todos caçoaram, levando a pergunta a se esvanecer em meio à algazarra a atrair a atenção da professora e da guia.

A visita iniciou-se pelo subsolo – mergulho num tempo de guerra. Fardas militares, armas, utensílios da época, como cantis e painéis, além de papéis a representarem diplomas, nos quais constavam a inscrição “medalha de campanha”.

– Esta é a sala Tatuí Guerreira – explicava a guia. – Representa a participação de tatuianos na 2ª Guerra Mundial e na Revolução de 1932.

Boquiaberto, o menino balbuciava repetidos “Oh!”, acompanhado de seus colegas, enquanto conhecia as exposições do museu. Empolgou-se ao tocar as grades

das alcovas que o edifício ainda matinha, sem deixar de procurar por vestígios da presença de Pé Vermelho. Poderia estar escondido em quaisquer daqueles cômodos.

Numa sala, repleta de curiosidades, a turma se dispersou, atenta a objetos antigos, variados, entre espadas, chaves, telefones e máquinas de escrever. Além de desfrutar da exposição e do desconhecido, o menino atrevia-se pelos balcões e cantos das paredes.

– Procura por algo? – indagou a guia, aproximando-se.

– É... – titubeou, envergonhado. Se ela trabalhava ali, poderia ajudá-lo. Arriscou: – Eu queria saber do Pé Vermelho!

Aguia ergueu uma sobrancelha, perscrutando-o, mentalmente. Buscava indícios de jocosidade naquela insistência.

– Em todas as salas os tatuianos estão representados, se é isso que pretende saber.

Confuso, tentou compreender a relação que tatuianos teriam com o Pé Vermelho.

A imersão na história de Tatuí prosseguia a cada sala. Instalações formadas por objetos, telas e painéis, representavam os primeiros habitantes da cidade, colonizadores e tropeiros. O menino surpreendeu-se ao vislumbrar um berrante, confeccionado em chifre de boi. Era impressionante que o instrumento pudesse emitir algum som. E produziu. A guia encarregou-se de soprá-lo, reverberando seu grave eco.

Os alunos riam, enquanto o menino recordava-se do som, quando presenciara uma cavalgada na rua central da cidade, em época da Festa de São Roque. Divagou. Talvez, o Pé Vermelho fora um tropeiro e estivesse à procura de seu berrante.

Uma antiga vitrola atraiu a maioria na vindoura ala, agraciada com imagens de localidades antigas da cidade. O menino achou curioso que um objeto a possuir uma espécie de megafone arcaico, acoplado, pudesse extrair música do mero disco de vinil.

A visita aproximava-se do fim quando, no auditório, a guia os reuniu para contar sobre a história do prédio e agradecer a visita.

Apurado, o menino pediu à professora para ir ao banheiro, destacando-se da turma. Desceu a escadaria de madeira e, já na volta, passou de frente a uma estreita sala. Espiou. Uma estante ostentava inúmeros livros. Quando deu por si, segurava nas mãos uma obra de Paulo Setúbal. Passou a folheá-la. Repentinamente, sentiu a presença de alguém se aproximar. Uma sombra desenhava-se no vitral da janela.

– Um garoto lendo um livro! – disse uma voz masculina.

– Ah... Estou apenas olhando. Não sou muito de ler.

– Diz isso, descaradamente, a um escritor? Que pena! Iria parabenizá-lo.

Ruborizado, fixou-se cada vez mais nas páginas, mas a presença do escritor impunha-se. O silêncio tornou-se ensurdecedor. Precisava desanuviar a tensão.

– O senhor, então... escreve? – perguntou, despretensiosamente, pois queria encontrar algum modo de contornar o embaraço e, quiçá, retirar-se do local.

– Bibliotecas exigem silêncio – disse o escritor.

Foi a deixa. O menino tencionou fechar o livro para retirar-se.

– Gostou do passeio? – indagou o escritor, impedindo-o na fuga.

– Gostei... – soou evasivo, porém, sincero.

– Mas? – ecoou a voz do escritor.

– É que eu esperava encontrar o Pé Vermelho... O espírito dele... Sei lá! Meu pai disse que ele mora no museu.

– Hum... O Pé Vermelho! Diga-me, garoto, o que tanto viu neste museu?

As palavras brotaram da garganta do menino, tecendo uma redação verbal.

– E quanto ao Pé Vermelho, nada? – questionou o escritor, ao que o menino tombou a cabeça para a frente, acabrunhado. – Interessante como a história dos

tatuianos está presente em cada detalhe que descobriu – comentou o escritor. – Visito este lugar com frequência e sempre escolho um livro para ler, para me inspirar. Neste espaço, respira-se a cultura, a alma, o espírito de Tatuí.

Estreitando os olhos às palavras do escritor, o menino acreditou que algo era dito nas entrelinhas. Sem coragem para encará-lo, mas suficiente para provocá-lo, sugeriu:

– Poderia escrever uma história de um espírito de pés vermelhos que habita no museu, não acha?

– Certamente! Já pesquisei sobre – disse o escritor, parecendo deslocar-se pelo ambiente. – Sabia que a terra em Tatuí é vermelha? Se andar descalço pelos campos, tingirá os pés com o tom deste solo. Em vez de espírito, poderia valer-me de um homem... um tatuiano, descalço, que, ao entrar neste museu, depara-se com toda a história... história que você aprendeu hoje.

O estalo da compreensão estampou-se com um sorriso na face. O menino encarou o livro e o fechou. A sombra na janela dissipou-se. Na biblioteca, embora sozinho, a mente fervilhava em conhecimentos novos.

À saída, sentiu a luz do dia tocar-lhe a face. Iluminado.

– Onde estava? – indagou a professora, atarantada, recontando os alunos.

– Na biblioteca, conversando com o escritor – disse o menino, com o olhar disperso pelo jardim.

– Não há nenhum visitante além dos da escola – retrucou a professora. – O museu foi fechado para tanto.

Ao deparar-se com um canteiro do horto sem grama, o menino não teve dúvidas, arrancou o tênis e esfregou os pés na terra.

– O que está fazendo? – questionou a professora, abismada.

A gargalhadas, o menino respondeu:

– Eu encontrei o Espírito Pé Vermelho, professora. Ele habita em mim!



PROGRAMAÇÃO 1º FESTIVAL DE ARTE E CULTURA DE TATUÍ

- Sexta-feira, 20/08/2021- 19h
- **VIDEOANÇA “À DERIVA EM TEMPOS REMOTOS”**
- Anelissa Nunes da Silva Frutuoso
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Terça-feira, 24/08/2021- 19h
- **ÓPERA BASTIEN UND BASTIENNE (WOLFGANG AMADEUS MOZART)**
- Merlise Moreira Sousa
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sábado, 11/09/2021 – 16h
- **PEGADAS NORDESTINAS - QUADRILHA JUNINA E XAXADO**
- Luis Fernando da Silva Pinto
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Quinta-feira, 16/09/2021- 19h
- **CAPITAL DA MÚSICA - MÚSICAS SOBRE TATUÍ**
- Marcelo Araújo Gasparini
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sábado, 18/09/2021
- **A FAUNA TATUIANA PELA VISÃO DA ARTE URBANA**
- Yuri Calistini
- Local: a definir

- Quarta-feira, 21/09/2021- 19h
- **TEM AR... TE! MÚSICA**
- Renata Cristiane Ramos
- Local: Centro Histórico de Tatuí (casa dos funcionários da Fábrica São Martinho)

- Sábado, 25/09/2021- 14h
- **DIDÁTICA DAS BRINCADEIRAS NA MUSICALIZAÇÃO INFANTIL**
- Jessé Jackson de Souza Ramos
- Local: CEU das Artes

- Domingo, 26/09/2021 – 09h
- **APENAS DANCE (BREAKING PARA TODOS)**
- Videoaula para surdos e mudos (Dia Nacional dos Surdos)
- Emerson Henrique Dias Pontes
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sexta-feira - 01/10/2021 – 09h
- **APENAS DANCE (BREAKING PARA TODOS)**
- Videoaula para Idosos (Dia Internacional do Idoso)
- Emerson Henrique Dias Pontes
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sábado, 09/10/2021- 10h
- **CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: A FOLHA SONHADORA**
- Talita de Oliveira Camargo
- Local: Museu Histórico Paulo Setúbal

- Domingo, 10/10/2021- 15h
- **AULA ESPETÁCULO CIRCENSE**
- Simone Brites Pavanelli
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Segunda-feira, 11/10/2021- 15h
- **OS SATIMBANCOS - TEATRO MUSICAL**

- Maestro Luís Bernardo Trindade
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Terça-feira, 12/10/2021- 10h
- **APENAS DANCE (BREAKING PARA TODOS)**
- Videoaula para crianças (Dia das Crianças)
- Emerson Henrique Dias Pontes
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Terça-feira, 12/10/2021- 11h
- **ASAS NO QUINTAL DO PAULO SETÚBAL**
- Tamires Freire de Carvalho
- Local: praça Manoel Guedes – Praça do Museu

- Sexta-feira, 15/10/2021- 09h
- **PRELEÇÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA**
- Diego Wilian do Nascimento Ramos
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Quarta-feira, 20/10/2021- 19h
- **CAMINHANDO PELO BRASIL**
- Caio Cesar Nascimento Ferreira
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Quinta-feira, 21/10/2021 - 19h
- **POEMA “PRAÇA DA MATRIZ”**
- Maria Cristina Siqueira
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sexta-feira, 22/10/2021- 19h
- **BATE TAMBÔ - GUI SILVEIRAS**
- Guilherme de Souza Silveira
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal



PROGRAMAÇÃO 1º FESTIVAL DE ARTE E CULTURA DE TATUÍ

- Sábado, 23/10/2021- 16h
- **CANTURIÕES DE TATUÍ –**
- **UMA MOSTRA DE CURURU**
- Zacarias Camargo
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Quinta-feira, 28/10/2021- 19h
- **REALISMO FANTÁSTICO NO INTERIOR**
- Nicolás Mariano Noya
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Quarta-feira, 03/11/2021- 19h
- **VOZ DE SAUDADE - A HISTÓRIA NÃO CON-**
- **TADA DO CLUBE SÃO MARTINHO**
- Alan Feliciano de Souza
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Quinta-feira, 04/11/2021- 19h
- **COMPOSITOR DA TERRA**
- José Pinto de Moraes
- Local: Museu Histórico Paulo Setúbal

- Sexta-feira, 05/11/2021- 19h
- **CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO DO**
- **19º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO**
- **SETÚBAL CONTOS – CRÔNICAS - POE-**
- **SIAS Abrangência Nacional**
- Local: Centro Cultural de Tatuí – pre-
- sencial somente para convidados
- Transmissão pelo Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sábado, 06/11/2021- 19h
- **ALMA PUERIL**
- Lucas Gonzaga Rosa
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sexta-feira, 12/11/2021- 19h
- **NOITE DA SERESTA COM TERNURA -**
- **CANTA ROBERTO ROSENDO**
- Maria Inês de Camargo Machado
- Local: Museu Histórico Paulo Setúbal

- Sábado, 13/11/2021- 10h
- **A ARTE DAS RUAS**
- **(O HIP HOP VAI ATÉ VOCÊ)**
- Ricardo Hiroaki Oba
- Local: Praça da Matriz

- Domingo, 14/11/2021- 16h
- **A INCOMUM ARTE DE NÃO PRESTAR NADA**
- Thiago de Castro Leite
- Local: Praça da Santa

- Sexta-feira, 19/11/2021- 19h
- **ROQUE BATERA**
- Robson Rogério de Moraes
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- De 20 a 27 de novembro de 2021
- **FESTIVAL CAPITAL DA MÚSICA “MAESTRO**
- **ANTÔNIO CARLOS NEVES CAMPOS”**
- Tradição SP Online - #JuntosPelaCultura

- Sexta-feira, 26/11/2021- 19h
- **DESCOMPASSO**
- Ana Cristina Silva Machado
- Local: CEU das Artes

- Quinta-feira, 02/12/2021- 19h
- **NESTE BURACO TEM TATU SIM, QUE EU OUVII!**
- Adriana Afonso Oliveira
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sexta-feira, 03/12/2021- 19h
- **DOCES RELATOS**
- William de Oliveira Lima
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sábado, 04/12/2021- 16h
- **CANINHA VERDE – UMA**
- **VARIANTE DO CURURU**
- Rubens Vieira de Paula
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Quinta-feira, 09/12/2021- 19h
- **SUSSURROS E RISADAS, UMA**
- **NOITE NO CADEIÃO**
- Cildete Saroba Vieira dos Santos
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sexta-feira, 10/12/2021- 17h30
- **ESPETÁCULO AO VIVO VIA PLATA-**
- **FORMA ZOOM “AS LAVADEIRAS”**
- Vivian Emanuelle Pires Rodrigues
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Sábado, 11/12/2021- 16h
- **O TESOURO DE TATUÍ**
- Tiago Augusto Marcos
- Local: Youtube Museu Paulo Setúbal

- Quinta-feira, 16/12/2021- 20h
- **BRAVO ELECTRO – NATAL MUSICAL**
- Eduardo Augusto de Almeida Siva
- Local: Praça da Matriz

CATEGORIA CRÔNICA

1º lugar - Obra: **ADÃO, FEROMÔNIOS
E O SISTEMA FINANCEIRO**
Oly Cesar Wolf – Campo Largo/PR

Maldito seja o dia em que o bom Deus instilou o sopro da vida nas narinas do primeiro homem! Não, não estou reclamando da criação em si, mas do depois. Na verdade, a minha revolta é contra aquilo que o homem criou por conta própria, ou inspirado, não por Deus, mas pelo seu contrário. Já de cara, Adão resolveu nomear os animais. Precisava? Me parece que não! Tudo bem, poderia ir pondo o nome aos poucos, conforme fossem se conhecendo melhor, ou talvez apenas desse nome para aqueles com quem tivesse alguma relação mais próxima, sei lá, mas nomear todos como em um ato solene, desnecessário. Por que isso? Eles pediram? Se sim, teriam o dom da fala, portanto, bastaria mandar que nomeassem a si mesmos. Se não pediram, por que eles precisariam de um nome? Para colocar na placa do zoológico? E como Adão fez para lembrar de tantos nomes depois? Conforme conheço o ser humano e a sua tendência para burocracia, não me espantaria se os bichos andassem por lá usando crachás. Desnecessário Adão, totalmente desnecessário perder tempo criando coisas que não precisariam existir. Enfim, depois, não satisfeito em reinar no paraíso, resolveu que seria melhor possuir conhecimento, afinal, não era suficiente poder andar pelo Éden. Pronto, comeu a maçã, descobriu-se nu e, com vergonha, criou as roupas. Das míseras folhas de parreira, para uniformes, ternos, gravatas e trajes esporte fino, foi um passo. Tendo feito o que não devia, caiu em desgraça e foi atirado na Terra, e espero que o tombo tenha doído. Mas e o conhecimento advindo da fruta, ele obteve? Sim, obteve, a partir daquele momento o homem passou a conhecer o que é ser uma besta.

Bem, já na Terra, não contente em procriar e retirar do solo o fruto do suor do seu rosto, o ser humano resolveu cometer uma porção de bobagens, como irmão matando irmão e coisas desse tipo. Como tudo estava descambando para a bagunça, foi necessário criar algumas regras e assim deu-se início à burocracia, um monstro de infinitas cabeças confusas, onde em cada uma instalou-se um departamento público, ou privado. Bom, aí é que começa a minha revolta e a razão desta crônica. No começo apareceram dez leis, o que não é muita coisa, dá para lidar com elas sem muitas dificuldades. Mas depois vieram os desdobramentos, os incisos, as subdivisões, os adendos, os comentários de notáveis e etc. No final das contas, vivemos como hoje estamos, ao menos no Brasil, mergulhados

num estado kafkaniano, ou ainda pior, porque é real. Tudo bem, como você deve estar com pressa, já vou explicar a razão do meu desgosto, mas apenas no próximo parágrafo, para criar alguma expectativa no leitor.

Hoje de manhã fui ao banco, obrigado a ir, é preciso salientar. Detesto bancos, odeio o sistema financeiro, as contas, os juros e tudo que tenha relação com a palavra banco. Até ocafezinho que o gerente gentil oferece eu odeio, e isso que adoro café, qualquer café, menos opatrocinado pelo sistema bancário. Até hoje vivi, senão bem, pelo menos tranquilo por não estarrelado a esta roda financeira moedora de vontades e almas, porém, infelizmente, recebi um prêmio de literatura que envolvia pagamento em dinheiro. Detesto bancos mas gosto de dinheiro, então lá fui eu, engolindo meu orgulho de escritor premiado. Documentos no bolso, entrei em duas filas, que eram como duas pontas da língua bifurcada de uma serpente cheia de más intenções, mas boa de bico. Um braço da burocracia era para pegar a senha, o outro para ser atendido no caixa.

Sou atendido, depois de muita espera. Conto ao caixa sobre o dinheiro do prêmio, sim, me exhibi, afinal, que vantagem há em ser premiado, se não se pode sair por aí se exibindo? E, depois de tanto tempo perdido, ele me disse que eu precisava de um comprovante de residência atual, que eu não levei. Voltei para casa. É... nem preciso dizer sobre o que desejei ao rapaz que me atendeu, mas enfim, moro perto do banco, voltei em poucos minutos e fiz a maldita conta. Fácil não? Pois bem, vá vendo o desenrolar da coisa. Como eu já disse, mas não custa reforçar, estou irritado por ter sido obrigado a ir ao banco hoje de manhã, mas sabe por quê? Porque está conta que fiz aí em cima, foi feita há quinze dias! “Conta poupança não vale”, me disse ontem o e-mail da instituição responsável por me fazer o pagamento. Por isso eu, a besta, voltei hoje para abrir outra. Filas, senhas, esperas, e lá estava eu na frente do caixa novamente, mas desta vez sendo atendido por uma gentil e jovem mulher. Era alta, magra, longos cabelos cacheados e belos dentes. Agora, caroleitor, adivinhe qual é o meu tipo favorito de mulher. Se responde “qualquer uma”, parabéns, acertou. O fato é que ando tão carente ultimamente, e esse ultimamente equivale, pelo menos, aos últimos dez anos da minha vida, que se uma mulher me der bom dia, pronto, já me apaixono.

Apaixonei-me pela garota que despertou em mim todos os impulsos amorosos e sensuais inerentes à minha latente adolescência tardia. Claro que como a vida é um vale de lágrimas, depois de alguns

minutos, vejo a aliança em seu dedo. A descarada me traíra casando-se com outro, antes que seu futuro esposo, no caso eu, lhe fosse apresentado. Engoli o orgulho ferido e resolvi me limitar a fazer apenas aquilo que fui fazer. Com toda a minha frieza, passei a tratar apenas de negócios. Aí veio a minha segunda tristeza do dia, descobrir que a conta poupança para pessoas debaixo rendimento não tem custo, mas que a outra tem. “A conta-corrente tem uma tacha mensal de 35 reais, mas...” Lá vem, pensei, sei bem como são os bancos, vai me oferecer um produto qualquer. Dito e feito! Altivo, olhei em seus olhos e disse, com firmeza, que eu não queria nada, apenas a minha conta, para receber o meu PRÊMIO literário. Disse PRÊMIO assim mesmo, com ênfase para me exibir, além de deixá-la intimidada diante de um escritor premiado e, claro, arrependida por não me haver esperado para contrair matrimônio. Não funcionou. Ela me disse, com indiferença “Mas o senhor não quer nem mesmo ver os nossos produtos?” Ah, sua pilantra, me traiu e ainda quer roubar o meu dinheiro?! pensei, mas não disse, óbvio. “Não, não quero não!” Ela aceitou a minha recusa, aparentemente, porém, a minha futura ex começou a se comportar de modo estranho. Digitava, olhando para a tela, mas vez por outra me espiava com o canto do olho, enquanto um pequenino sorriso aparecia naqueles lábios que já foram quase meus. De cara saqueia sua intenção, estava tentando me seduzir. Provavelmente, assim que viu um homem superior diante de si, um raro macho alfa dotado de um prêmio literário, se dera conta da burrada que fez ao se casar com outro. Bem, se eu cheguei tarde para ser o esposo, eu poderia me resignar e aceitar ser o seu amante, já que me parecia ser nisso que ela pensava e deixava transparecer como seus gestos. Queria sacanagem, pensei, todo animado. Sou escritor, um observador da alma humana, conheço bem as pessoas, pensei também. E veja só, foi justamente isso que aconteceu. Ela me sacaneou. Até agora não sei como, mas sai do banco com uma conta-corrente, um seguro de vida e, se não entendi errado, uma carteira de serviços que iam de recarga de celular até limpeza de caixa d’água. Limpeza de caixa d’água?? Faz algum sentido, meu Jesus amado, um sujeito sair de casa para abrir uma conta e voltar com direito a limpeza de caixa d’água?? CAIXA D’ÁGUA! Comonão odiar o sistema financeiro? Também não entendi o malabarismo comercial que eles fizeram, pois, sem nada agregado, a taxa seria de 35 reais, enquanto que com um monte de “vantagens”, tudo sairia por 25. Claro que me enrolaram, mas até agora não sei como.

Bom, a conta está aberta, já mandei os

dados para o depósito, e agora é só aguardar a minha próxima ida ao banco, sim, porque eu duvido que a burocracia vá me deixar em paz. Ela é como um gato brincando com um rato, só larga quanto ele já não pode mais ser fisicamente reconhecido como um rato. Como ainda sou um rato, digo, homem, imagino que o sistema tem mais coisas para arrancar de mim, fora as taxas, a alegria e a dignidade. Da próxima vez devo voltar para casa com um pacote que me dará direito a fornecimento gratuito de internet discada, um plano salva-vidas para afogamentos em piscinas de bolinha e um desconto em cirurgia de mudança de sexo. É absurdo, eu sei, mas pense bem, LIMPEZA DE CAIXA D’ÁGUA!

Não posso dizer que os anexos que me enfiaram com a conta foram de todo inúteis. Tem um seguro de vida, no qual nomeei a minha mãe como beneficiária. O problema é que no fim da transação, a minha ex fez um pequeno discurso a título de aviso sobre o seguro. “Não se esqueça de avisar a sua mãe sobre o seguro, assim, se você morrer, ela já pode tomar todas as providências necessárias para receber o dinheiro para o auxílio-funeral” Atirou-me a minha mortalidade na minha cara! Eu ouvi isso acenando afirmativamente com a cabeça, mas sentindo os efeitos psicossomáticos causados pela fala da minha quase esposa. Minha pressão baixou, do lado direito do corpo, enquanto subia do lado esquerdo. Isso é impossível, eu sei, mas vá convencer disso a minha cabeça de hipocondríaco... disfarçadamente, coloquei a mão no peito, fingindo procurar algo no bolso da camisa, mas eu estava mesmo era fazendo uma sutil massagem cardíaca em mim mesmo. Comecei a sentir o desespero da proximidade da morte inevitável, a pressão era tanta que senti necessidade de afrouxar o nó da gravata, mas eu não estava usando uma. O impulso foi tão grande e arrebatador, que precisei me segurar para não afrouxar a gravata do sujeito que estava sendo atendido no caixa ao lado do meu. Bem, como estou escrevendo esta crônica, você, caro leitor, já deve ter inferido que não morri. Verdade, você está certo, não morri. Terminados todos os trâmites, juntei os restos de mim e me arrastei para casa. O seguro de vida me deu algo bom, a tranquilidade de poder morrer sem preocupações com caixões e essas coisas, mas, por outro lado, se graças a ele eu já posso morrer tranquilo, agora estou vivendo mais nervoso por ter sido exposto ao óbvio, a brevidade da vida, a finitude da alma, e todas essas coisas existenciais que têm afligido o ser humano desde Adão, aquela besta quadrada.

CATEGORIA CRÔNICA

2º lugar - Obra: SENHA P-130
Marcos Lopes de Aguiar
Guarulhos/SP

O painel eletrônico piscava a senha P-115. Mais uma vez ele conferiu o papelzinho com a senha que a atendente havia lhe dado. O salão do posto de saúde estava lotado, e o seu número, P-130, estava longe de ser chamado, tamanha era a morosidade do atendimento. Algumas vezes as atendentes tinham que chamar pelo número em voz alta, porque as pessoas se descuidavam e não prestavam atenção no painel. O barulho era infernal, duas crianças brincavam com gritos estridentes apoiadas pela indiferença da mãe. Num outro ponto, uma mulher quase obesa tentava acalmar o filho que chorava e arranhava o seu rosto querendo descer para brincar no chão. E à sua frente, outra com uma tatuagem esverdeada de uma borboleta nas costas, reclamava da demora a quem lhe desse atenção. Em um dos guichês uma senhora idosa muito magrinha era atendida, e o assunto parecia interminável porque ela já estava ali há um bom tempo. Apenas dois guichês atendiam toda aquela gente, prova do total desprezo pela população carente.

“Maldito serviço público” – pensou.

De repente passou a odiar tudo aquilo.

“Tanta irresponsabilidade e pobreza é insuportável! Mas e daí, por acaso eu sou rico?”

O painel piscou novamente, ainda estava longe.

“Estranho, cadê aquele barulhinho que todo painel tem quando anuncia a nova senha?”

Até isso tiraram. Se não ficar de olho, já era”.

E o tempo se arrastava.

“Não, não é justo. Cheguei aqui há mais de uma hora. Será que vou perder o dia todo só para marcar uma consulta?”

O barulho começava a tomar conta do seu juízo. A borboleta tosca nas costas da mulher lhe incomodava, como um crítico descontente com a obra de arte.

- Cento e vinte – gritou a moça do guichê.

“E agora essa!”

A dor de cabeça chegou bem de mansinho. Era sempre assim, ela começava discretamente, e em pouco tempo o

inferno se instalava.

“Enxaqueca, a maldita enxaqueca. Maldita, porque será que eu uso essa palavra pra tudo? Preciso me corrigir, não é muito bom ficar falando em maldição por aí, atrai coisa ruim”.

A telinha anunciou a senha 140.

“Opa, agora mesmo estava no cento e vinte, que salto é esse?! Ah não, essa é outro tipo de senha, a minha tem o P na frente”.

Um homem já bem idoso começou a passar mal, logo foi rodeado por um grupo que culpava o posto por causa da demora. Na fila da coleta de material para análise uma discussão se iniciou:

-Já foi avisado para todo mundo sobre o horário – dizia a mulher de avental branco.

-E daí, só por causa de cinco minutos você não pode me atender? Então eu estou em jejum à toa? Se fosse um parente seu... aposto que a história era outra. Eu pago impostos também, querida.

-Olha aqui, o senhor me respeita...

Alguém saiu do banheiro reclamando da falta de papel higiênico.

E o tempo foi se arrastando.

Uma das atendentes levantou-se. Era a hora do almoço, uma ia e a outra ficava.

Os pacientes... todos ficavam.

O burburinho, as crianças, as discussões, a demora, tudo foi girando na sua mente.

A enxaqueca o castigava de forma cruel.

Baixou a cabeça e massageou o pescoço.

“Maldita dor”

A única atendente anunciou levantando-se e apoiando os braços nas abas dos guichês:

-Pessoal, lamento informar, mas o sistema caiu e não tem previsão para voltar ao normal.

Foi o ponto de ebulição em que a água transborda para fora. Pegou a cadeira onde estava sentado e arremessou-a contra o guichê da atendente, quase acertando a pobre mulher.

Outra cadeira espatifou o vidro da salinha de coletas. Uma senhora com todo jeito de coordenadora do posto, aproximou-se dele tentando acalmá-lo, mas foi empurrada violentamente contra os guichês.

O agressor desceu as escadas que

levavam ao piso inferior. Entrou em todas as salas, quebrando lâmpadas, quadros de informações, vidraças e aparelhos médicos, sem hesitação.

A polícia foi chamada e alguém lhes indicou as escadas.

No final de um dos corredores, e de costas para uma janela larga com grades, lá estava ele. Agarrado a um médico ameaçava cortar a sua jugular com um pedaço de vidro bem afiado se os policiais se aproximassem.

Um dos policiais tentou persuadi-lo a desistir:

-Calma, você não precisa fazer isso, vamos conversar.

O homem não dizia absolutamente nada. O representante da lei usava de todos os argumentos para que o cidadão descontrolado soltasse o pobre médico que, visivelmente já começava a passar mal. Mas o homem furioso continuava com os olhos arregalados, e o seu silêncio persistia, dificultando a negociação por parte do agente da lei.

De repente, por entre as grades do janelão, um outro policial apontava o revólver para a cabeça do vândalo revoltado.

-Cento e trinta. Gente, prestem atenção no painel, por favor.

Finalmente! Levantou-se rapidamente da cadeira, como quem saísse de um transe, e foi em direção ao guichê 3.

A atendente olhou-o com simpatia:

-Ainda bem que o sistema voltou logo, né? O cartão e o documento, por favor.

E após ouvir para que médico era a consulta, a moça disse meio decepcionada:

-Eu sinto muito, mas a agenda do clínico-geral ainda não está aberta para março, e esse mês não tem mais vaga. O senhor vai ter que retornar no começo do mês que vem para tentar marcar – empurrou de volta para ele os documentos.

-Cento e trinta e um. Vamos gente, prestem atenção.

Lá fora chovia torrencialmente. Teria que esperar um pouquinho mais para sair.

-Maldição, maldição.

CATEGORIA CRÔNICA

3º lugar - Obra: **AS VERRUGAS DO RECIFE**
Márcio Martins Lobo Jardim – São Paulo/SP

Tripulação, preparar para o pouso. Quando ouço o aviso do comandante, levanto os olhos do livro e vejo a janela. Está próximo da hora do almoço. O oceano borra o vidro de azul. Esse jorro claro de mar é capcioso, eu sei. Na espreita desse azul, nadam tubarões cinzas, quase domésticos. Em seguida, surge uma faixa de areia que acende bege, lisa, uma pele sem rugas. Os olhos piscam e aparecem verrugas de concreto, empresariais e residenciais Miami bitch. Um desleixo que, sim, arranha os céus: a vocação incolor da zona sul que encandeia pupilas. As pálpebras se levantam de novo e preferem a nostalgia das ruas da infância. E também os rios entrecortados por pontes, que daqui se parecem com Veneza, sem nenhuma dúvida, mesmo sem eu nunca ter ido à Itália. Então, neste contraste de cores e memórias, o avião pouisa.

Táxi para o bairro de Piedade, por favor. Parado no sinal vermelho, sorrio com a visceralidade com que o taxista, em volume alto, canta o brega¹ romântico do rádio. As guitarras agudas de Conde² vibram o banco traseiro na viagem. Pela janela direita, uma família pobre se banha nas águas estrumadas do canal de Setúbal. Do outro lado da rua, um par de mãe e filha, recém-saídas de um prédio comprido, andam apressadas e enviam olhares fugazes e tensos para a família do canal. “Não devo nada a ninguém”, insiste Conde no som. Então, na espera do sinal verde, uma senhora simpática de cabelos grisalhos encaracolados atravessa a rua sorrindo e agradecendo aos carros. Ela veste uma canga branca ornada com coqueiros. Amarrada na cintura, a canga cobre um maiô laranja. Sim, na hora reconheci. Era Dona Líria. Há pelo menos 35 anos, Dona Líria vai toda tarde tomar um banho de mar. E nessa lembrança, me veio junto um remorso. Antes de eu me mudar de cidade, via essa senhora com um olhar desgostoso. Como ela acordava todos os dias para repetir a mesma rotina insossa? Tinha certeza de que naquele corpo velho insistia

uma vida sem sonhos, desinteressada no amanhã. Uma persistência redundante. Um prenúncio de uma morte óbvia, porque já estava ali, em vida mesmo. Uma morte que nem precisaria de atestado de óbito. Morreu de velha. Era assim que eu pensava. Mas o sinal verde me tira deste ponto-morto e me sacode de volta ao movimento.

Queria um coco gelado. Obrigada. Nunca fui praieiro de vocação, nem fã de coco, mas depois que me mudei para São Paulo, entendi os paulistanos, um povo ansioso por um feriado no litoral. Não que eu tenha me inscrito no fã-club, mas hoje tomo coco só para ter contato com esse gosto sinestésico: um doce leve, homeopático, em um banco da praia, uma brisa morna tocando o rosto e um cheiro de maresia junto com a marulha do mar. Barulho de onda, que se esfacela chiando e depois volta, para um lado, para o outro. O andar das pessoas, aquele que arrasta os pés, os passos inúteis no calçadão. Sem o aperto da roupa, sem o aperto do aperreio. É a antítese da rotina paulistana de sapatos ajustados, metas em planilhas e remédios para dormir, e que sim, invade o Recife justificada por empresariais produtivos e resorts produtores de lixo.

Na beira-mar, sentado com o coco no colo, vejo de longe Dona Líria mergulhando e emergindo das águas rasas, tranquilas. A canga branca deita na areia, a salvo da brisa mais intempestiva pelo peso da chave de casa.

Sorridente, sai do mar e nos cumprimenta, eu e o barraqueiro. Ela então segue sozinha, lenta, por entre os prédios. No outro dia, virá mais uma vez desapressada para o mergulho de sempre, nas águas mornas de sempre. Nada velha, nada insossa. Ao contrário, uma sutileza de vida em meio a uma rotina moderna doente, uma calma insistência da pele lisa entre as verrugas. Um Recife com os dias contados, mas que ainda vive no sorriso subversivo e no corpo salgado de mar daquela senhora.

¹Brega: gênero musical romântico, popular no Recife.

²Conde: cantor de brega, famoso no Recife.

Prêmio Galardão - Obra: **COM MINHA SUNGA PRETA DA CALVIN KLEIN**
Lucio Rodrigues Junior – Tatuí/SP

O homem entrou no Cartório decidido a registrar o documento preparado há dias.

Sentia-se aliviado, prestes a realizar os últimos preparativos elaborados para seu futuro próximo.

- Bom dia senhor! Eu trouxe estes documentos para serem avaliados, autenticados e averbados neste cartório;

- De que se trata, cavalheiro? – Perguntou-lhe o senhor gordinho de óculos e mãozinhas brancas ridiculamente pequenas.

- Lendo, o senhor entenderá, respondeu o homem sentando-se na cadeira não oferecida pelo funcionário.

Com cara de pouco-caso, o servidor ajeitou os óculos na ponta do nariz para ler o documento datilografado em três vias.

Iniciou a leitura em voz alta, para que ele o acompanhasse e, paulatinamente, abaixou o volume até emudecer completamente, absorvido pelo inusitado texto do documento. O ar sarcástico foi substituído pelo de surpresa.

DOCUMENTO DE FÉ E VONTADE

Eu, Onofre de Oliveira Pereira, nascido em 1 de abril de 1950 em Caruaru – Pernambuco, funcionário público federal aposentado e em plena consciência destes escritos, tenho conhecimento da doença terminal que encurta meu tempo de vida, motivo de minha presença neste Cartório para registrar meus desejos neste documento.

Em testamento à parte estão os bens que acumulei e que deverão ser repartidos entre meus sobrinhos her-

deiros. Este documento que ora entrego ao 1º Cartório de Notas e Ofícios da cidade de São Paulo, expressa meus desejos, que devem ser adotados após meu falecimento:

(1º). Não quero comentários sobre meu passamento. Não quero notícias veiculadas em jornais ou panfletos de funerárias.

(2º). Não quero velório para dar chances a conversas entre meus falsos parentes e amigos. Não quero corja nenhuma em volta de meu caixão, comentando minha vida e a alheia, juntamente com a farsa dos cumprimentos, lágrimas e olhares curiosos.

(A última notícia que recebi de um sobrinho, deu-se há seis anos. Infelizmente para ele, eu estava muito bem de saúde naquela época, pensou Pereira com ressentimento.)

(3º). Para respeitar a legislação sanitária post-mortem, solicito que o meu corpo seja guardado em caixão resfriado na Morgue Municipal e retirado apenas no momento do enterro.

(4º). Quero ser vestido unicamente com minha sunga preta comprada nos EUA em 1985, da marca Calvin Klein.

(Com a etiqueta original. Uma preciosidade! Modéstia à parte, ficava lindo naquela sunga. Realçava minha cintura, resultando um ar que só Calvin Klein sabia desenhar. Que saudades daqueles tempos gloriosos!)

(5º). Nada nos pés.

(Não vou enterrar comigo meus sapatos caros, além de que, sunga e sapatos sociais não combinam. É de mau gosto!)

(6º) Nada de jóias. Não darei chance aos ladrões de túmulos violarem meu

caixão.

(Ficarão, por herança aos meus sobrinhos, ladrões ordinários que já conheço.)

(7º). Quero ser bem maquiado, penteado e perfumado. Um lindo ramo de orquídeas nas mãos e mais nada. Nenhuma flor escondendo minhas pernas e pés. Somente a maravilhosa sunga preta Calvin Klein à mostra.

(Pena que os detalhes da parte de traz não estarão visíveis.)

(8º). Ao sair da Morgue, quero ser acompanhado pelos funcionários locais. Não quero missa de sétimo dia ou em tempo algum.

(Morto, acabou. Cheguei a esta idade sem missa e nunca frequentei igrejas, portanto, dispense qualquer ritual religioso.)

(9º). Que seja oferecido aos coveiros e funcionários da Morgue, uma caixa de cerveja bem gelada após o serviço, pelo trabalho honesto que enfrentaram para enterrar este velho duro que soube aproveitar todas as boas coisas da vida sem falsos pudores e sem submissões. Neste documento expresse minha vontade. Que seja autenticado em cartório e distribuído a meus gananciosos sobrinhos que aguardam minha morte.

Minha sunga preta da Calvin Klein comprada nos EUA e usada nos momentos maravilhosos ao lado da mais querida amante de minha vida, será minha companheira até o final de toda minha história. Com a sabedoria adquirida na vida preciosa que eu soube desfrutar, estes são meus desejos.

São Paulo, 20 de Janeiro de 2020
Onofre de Oliveira Pereira
RG 42395-1 – SSPPE

CATEGORIA POESIA

1º lugar - Obra: GUERRA
Antônio Augusto D'Aguiar Mercador
Saquarema/RJ

a.

Há uma guerra a ser vencida.
Chegou às portas das casas.
Penetrou alcovas que ainda exalam
o perfume do último amor.
Crianças e idosos não se abraçam mais.
Homens e mulheres se refugiam
em seus olhos fechados.
Nem mesmo se odeiam mais.
Têm um inimigo comum
que não podem ver nem tocar
É apenas um minúsculo deus do mal.
Um demônio sem rosto
que invade corpo e espírito
e inaugura o espetáculo interminável
da morte.

b.

Há uma guerra a ser vencida.
E o que fazem os narcisos em seus
espelhos sem dom?
Discutem entre si o sexo dos anjos
do apocalipse.

Não enxergam a foice
sobre suas cabeças.
Brigam entre si por moedas de ouro
e corpos caem como moscas
das varandas do precipício.
Outros vão para as ruas
condenar o que não veem
E a maldição silenciosa
beija a multidão ruidosa.

c.

Há uma guerra a ser vencida.
Não com bombas nem fuzis
ou mísseis e granadas.
Os soldados são outros. Outras
são as armas e munições. As trincheiras
vestem máscaras e luvas.
Em casamatas magos especulam
as estrelas. Nos lares tremem
os indefesos. E aqueles
que não verão o amanhecer.

d.

A guerra a ser vencida
pede outro combate.
Corações generosos

em lugar de coturnos.
Olhos e mãos solidárias
em lugar de baionetas.
O céu que nos protege é o outro.
Aquele que se quer nos conhece
mas nos ama.

e.

Depois de vencida a guerra
não virá um mundo novo.
Sobre o sagrado terreno dos mortos
caminhará um novo homem
capaz de olhar para mil lugares.
Ouvir mil vozes. Sentir mil odores.
Falar mil línguas e tocar mil corações.
Ou não caminhará.

f.

Vencida a guerra renascerá o futuro
É para lá que os sobreviventes
devem olhar. Haverá um sol
cheio de novas inquietações.
Noites povoadas de sonhos e paisagens.
O que esse novo homem imaginar
será o espírito do novo tempo.
Ou não será.

2º lugar - Obra: INVENTÁRIOS & INVENÇÕES
André Telucazu Kondo – Taubaté/SP

I

Ando inventariando
Os dias que morrem
Sem deixar testamentos

Analiso o nó da madeira
Enxergo o broto
E a impossibilidade da semente

Debaixo da cama
Há um par de viúvos chinelos
Apartados dos pés, daquela que partiu descalça

Não há mais papéis virgens nesta casa
Todas as entrelinhas já foram riscadas
E os versos de amor, esgotados

Não me dou por vencido
Retiro os seis velhos retratos das paredes
E desenho nos sete muros a minha ficcional
liberdade

Sei que as minhas noites brancas
Nunca alcançarão São Petersburgo

Sou do tipo porto e o coração é uma âncora

A vida passou como um rastro de formiga
Em busca de um torrão de açúcar
A vida nunca é doce para quem sempre procura

O que restam dos meus dias?
Palmilho os incômodos da casa
Minha sala de estar ausente

Abro as gavetas e encontro
Quatro chaves de casas onde morei
Em quatro cidades em que me matei.

II

Ando inventando
Os dias que nascem
Sem batismo

A madeira recria a memória
Brotam hereditárias árvores de novas famílias
E conversas de almoços na mesa de sempre-
domingo

Debaixo da cama

Há um par de surrados tênis
De caminhar inventando caminhos

Reaprendo a falar
Uma língua a cada manhã
Apenas para sorrir em silêncio

A lembrança me vence
Emolduro os filhos que não tive – mas que amei
E liberto-me com a verdade que criei

Na tela da escura noite
Navego a imaginação
E faço, para cada desejo, nascer uma estrela

A vida permaneceu ninho
Com um ovo de recomeço
As asas da partida são as mesmas do retorno

Invento lembranças:
Para cada saudade
Um reencontro

Das quatro chaves que forjei
Nenhuma delas me serviu
O meu coração, enfim, já estava aberto...

CATEGORIA POESIA

3º lugar - Obra: ENJEITADO
Fernando Luiz de Barros Bueno – Belo Horizonte/MG

Ufanar-se da bela rima
Que aflora no primeiro quarteto
É como esperar obra-prima
Nas asas de um humilde verseto

Desprezada a soberba métrica
Da melodia alexandrina,

Já a parte segunda vem tétrica,
Em ociosa feição bizantina

De resto, é seguir adiante,
Para rematar o terceto,
Com a perspectiva aviltante

De gerar um esqueleto
E, mesmo que ninguém o cante,
Dar por concluso o soneto

Prêmio Galardão - Obra: ANELAÇÕES
Alexandro Gonçalves de Camargo - Tatuí/SP

se faltar o ar
me abraça
comprime meus pulmões
sem se importar com sequelas
pode até quebrar minhas costelas
de amor
me mata
antes que “ele” o faça

Depressão em casa e na economia - com altos índices de apego à vida.
Contudo, vamos (e vamos com tudo!) superar e reinventar nossas
relações.
O pacto feito em prol dos mais vulneráveis nos capacita para
qualquer desafio.

Assim que acabar a quarentena
todos os habitantes do planeta
serão convocados a uma Inspiração Conjunta
Tomada de fôlego
mundial e profunda
em memória dos que sucumbiram tentando realizar o simples ato
de respirar
Esta será nossa verdadeira Aspiração por dias melhores

NADA SERÁ COMO ANTES
As relações serão revestidas de álcool 70 e significado
Algo morreu para poder renascer
Cada abraço
cada aperto de mão
será cercado de descobertas
O outro
de quem fugiu/protegeu
será espelho
Recado categórico
finalmente assimilado:

ESTAMOS TODOS NO MESMO BARCO

Os livros retratarão este momento como uma mistura de praga,
batalha e crise econômica
Não faltarão comparações: gripe espanhola, Grande Depressão
nem superlativos: III Guerra Mundial!!!
Fato é que algo mudou
Profundamente
Não voltaremos ao que era antes
Tampouco
à indiferença
Amém!
Amemos!
(procedimento recomendado pelo ministério da saude a todo
portador do vírus da vida)

Fazem parte do Grupo de Risco todos os nascidos sob o terráqueo
auspício
Os que sentem e os omissos
Cientes da curta vida ou curtidores do infinito
Pra quem acha mamão com açúcar
Pra quem sabe o quão difícil
Pertencimento não se impõe
Ele somente é intrínseco

quando isso terminar
eu vou te tocar
quando isso tudo acalmar
vou me acabar
de tanto te beijar
quando tudo te abraçar
isso tudo serei eu

(ainda não é o) FIM

**anelação [substantivo feminino]*

1. ato de desejar ardentemente
2. respiração curta e ofegante

HOMENAGEM À ILUSTRE TATUIANA

CIMIRA FIGUEIREDO DE ANDRADE CAMERON

Nascida em 15 de maio de 1942. A professora Cimira Cameron, guareiensense de nascimento e tatuiana de coração e vida, mãe de Maria Luísa e Maria Angélica. Avó de Victor, André e Deborah.

Formada em letras pela Faculdade de Letras e Filosofia de Sorocaba, pós-graduada na USP, tendo como professores Antônio Cândido e Paulo Emílio Salles Gomes.

Foi professora de língua portuguesa e literatura brasileira, lecionando na área por 40 anos no estado do Mato Grosso e São Paulo. Atuou nas escolas: “Tomás Borges”, “Barão de Suruí”, “Chico Pereira” e “Sales Gomes”.

No Colégio Positivo, trabalhou com literatura

brasileira. O magistério permitiu à professora ter um vínculo muito forte com seus ex-alunos, sendo gratificada diariamente pelo reconhecimento do enriquecimento de suas almas nas questões do saber.

Admiradora da Cidade Ternura, assim a definiu aos seus pupilos em sua entrevista ao “Prisma”, de Cristina Siqueira: “O Mundo está além do Morro Grande, além de nossas fronteiras e voltem – suas origens são importantes”.

Na área cultural e, principalmente, da literatura, Cimira também somou relevantes participações. A professora foi uma grande incentivadora a criar/retornar o Concurso Paulo Setúbal, que está presente até hoje na agenda da Secretaria de Cultura.

E desde 2002, ela participava como jurada do Concurso Paulo Setúbal, realizando palestras que salvaguardam a memória do escritor. Foi homenageada, em 2018, pelo Museu Histórico Paulo Setúbal, diante da luta para manter viva a memória do escritor tatuiano.

Ela também foi jurada, por mais de 15 anos, da categoria redação do Concurso Artístico e Literário de Natal, promovido pelo jornal O Progresso, por meio do qual analisou milhares de textos produzidos pelos alunos do ensino fundamental da rede municipal e particular de ensino.

Fez parte do Conselho de Administração da Associação de Amigos do

Conservatório de Tatuí, que administrava a Instituição de ensino de música, teatro e luteria Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos”, de Tatuí.

Em 1º de agosto de 2018, recebeu justa homenagem, pelo Museu Histórico Paulo Setúbal, na exposição “Os Mais Ricos de Minha Terra”, inspirada no título do capítulo VI do livro “Confiteor”, de Paulo Setúbal.

Faleceu em 30 de janeiro de 2020, e seu corpo foi velado no Velório Municipal de Tatuí das 17h até a manhã de sexta-feira, 31, quando foi transferido para a cidade de Sorocaba, onde ocorreu a cerimônia de cremação.

Por meio do decreto municipal nº 20.384, de 30 de janeiro de 2020, foi instituído luto oficial por três dias no município de Tatuí, pelo falecimento da professora Cimira Figueiredo de Andrade Cameron.

A redação apresenta a excelentíssima Maria José Vieira de Camargo, prefeita municipal de Tatuí, estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais e; CONSIDERANDO que a professora Cimira Figueiredo de Andrade Cameron prestou relevantes serviços à população tatuiana, em especial ao ensino, à cultura e à literatura; CONSIDERANDO, que era cidadã ilustre e estimada em nossa comunidade; CONSIDERANDO, que além do seu testemunho de vida, de amor ao próximo, deixa imensas saudades para todos que a conheceram e tiveram o privilégio de sua convivência e amizade, DECRETA em seu artigo 1º: “Fica instituído Luto Oficial por três dias no Município, pelo falecimento da professora Cimira Figueiredo de Andrade Cameron, ocorrido no dia de hoje (30/01/2020)”.

Jorge Rizek, amigo a “tiracolo” (expressão que sempre usava quando citava o amigo) da professora desde a década de 70, ressalta ao jornal O Progresso de Tatuí (edição 6.352) que a professora “era sempre bem-humorada e sabia ‘prosear’ sobre qualquer assunto. Era leitora de muitos jornais e revistas e, atualmente, também estava afiada nas redes sociais. Uma grande amiga e companheira”.

O editor de O Progresso e companheiro de Cimira no julgamento dos textos do Concurso Paulo Setúbal, Ivan Camargo, também lamentou a perda da educadora e colaboradora do jornal.

“Dona Cimira era a antítese de tudo isso de estranho e obscuro que se vivencia em parte das ideias envolvendo educação e cultura na atualidade: ela era, verdadeiramente, culta, esclarecida, despreconceituosa e, acima de tudo, bem-humorada. Por isso tudo, fará tanta falta.”



